

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

CENTRO DE ARTES

NÚCLEO DE ARTES CÊNICAS

CURSO DE TEATRO - LICENCIATURA



Trabalho de Conclusão de Curso

Caras de Pau:

Reflexões Sobre Um Grupo De Teatro Comunitário

Patricia Antiqueira Vaz

Pelotas, 2013

Patricia Antigueira Vaz

Caras de Pau: Reflexões Sobre Um Grupo De Teatro Comunitário

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Teatro – Licenciatura da Universidade
Federal de Pelotas, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciado em Teatro.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Moraes de Oliveira

Pelotas, 2013

Dedicatória

Dedico este trabalho a minha amada mãe que, do lugar em que ela estiver, com certeza estará vendo minha felicidade e essa conquista que tanto ela desejou. Então será especialmente a ela, pois cheguei ao fim dessa graduação pelo amor e a credibilidade que ela sempre teve em mim.

Agradecimentos

Ao meu Orientador Adriano Moraes pela sua paciência, dedicação e pela confiança que depositou em mim;

Ao meu irmão Marcelo Vaz que me acompanhou e me ajudou dando dicas e passando um pouco de suas experiências;

Ao meu marido Alessandro Oliveira da Silva pelo companheirismo e compreensão durante todo período da minha graduação;

Ao Meu Pai Carlinhos, Madrasta Elisa e sua filha Angélica pelo apoio de estar sempre por perto, sempre que precisei;

A todos os professores que me ajudaram para o término desse trabalho, e de toda a graduação;

Em especial ao meu grande amigo Paulo Rubilar, por sempre estar disposto e sempre de portas aberta para o que der e vier e pelo seu empenho e confiança de me deixar usar seu trabalho para minha pesquisa;

Aos entrevistados e a maioria amigos pelo apoio e pelo tempo que se disponibilizaram para fazer as entrevistas, são eles: Jerber Luiz, Naylcker, Suzan Veiga, Raquel Pontes, Marcelo Vaz, Juliana Capa Verde, Fabricio Lemos, Fabricio, Emily, Paulo Rubilar;

Aos meninos do Núcleo de Teatro da UFPel, Carlos Eduardo por fazer a revisão do meu trabalho e Elias por colaborar com suas opiniões.

Aos meus amigos que de alguma forma me apoiaram para o término deste trabalho;

Aos integrantes do Grupo Caras de Pau, jovens muito unidos, carinhosos, respeitosos, sem eles com certeza meu trabalho não teria um começo e nem um fim.

Os grupos como os bebês, têm forças geradoras, pessoas responsáveis pelo nascimento, por dar um nome, alimentar e acompanhar os primeiros passos do recém-nascido em busca do seu desenvolvimento e da construção de sua identidade.

Samantha Cohen

VAZ, Patricia Antiqueira. **Caras de Pau: Reflexões Sobre Um Grupo De Teatro Comunitário.** Pelotas: Curso de Teatro - Licenciatura/UFPel, 2013. Trabalho de Conclusão de Curso.

Resumo

O presente trabalho busca apresentar reflexões sobre um grupo de teatro comunitário. Trata-se do grupo Caras de Pau, fundado na Cidade de São José do Norte¹, que permanece em atividades desde 1993. Esse grupo, até os dias de hoje, tem como principal objetivo trabalhar com crianças e adolescentes no sentido de desenvolver atividades sociais na comunidade e com a comunidade. A pesquisa abordou a trajetória artística do grupo, bem como salientou os fatores educativos preponderantes no trajeto do grupo, assim como a sua contribuição para a cidade. Por ser o grupo Caras de Pau o marco de minha trajetória particular no teatro, apresento, também, relatos reflexivos sobre minhas experiências vividas no grupo. Utilizei como metodologia de pesquisa entrevistas semiestruturadas com integrantes do grupo, bem como o registro de imagens. Essas entrevistas e registros fotográficos possibilitaram que eu fizesse uma primeira reflexão sobre o trabalho dos quase 20 anos do Caras de Pau.

Palavras-chave: Teatro na Educação; Grupo de teatro; Teatro e Comunidade.

¹ São José do Norte é uma cidade histórica localizada ás margens da Lagoa dos Patos. Possui cerca de 25 mil habitantes e está situada a 5km da cidade de Rio Grande.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	8
O ESPAÇO ATUAL.....	10
FREQUENTADORES	13
ROTINA DE TRABALHO	15
BOAS LEMBRANÇAS	17
A INFLUÊNCIA DO ESPAÇO NO TRABALHO DO CARAS DE PAU	21
A LINGUAGEM TEATRAL NUM CONTEXTO INFRAESTRUTURAL PRECÁRIO.....	24
PRODUÇÃO DE ESPETÁCULOS	28
FLUXO DE INTEGRANTES	30
O CARAS DE PAU E A CIDADE DE SÃO JOSÉ DO NORTE	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35
ANEXOS	36

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como tema principal a história de um grupo de teatro comunitário da cidade de São José do Norte. Tem, ainda, como objetivos principais descrever, relatar e refletir sobre o trajeto de quase 20 anos do grupo Caras de Pau. Fundado em 1993 com objetivo de desenvolver atividades artísticas e sociais na comunidade e com a comunidade de São José do Norte, o público-alvo do grupo sempre foi o mesmo: crianças e adolescentes. Em toda a pesquisa cunho minhas reflexões apoiada em dois tempos: o primeiro de quando participei do grupo como integrante e o segundo como pesquisadora.

O principal instrumento metodológico utilizado na pesquisa foi a entrevista. Desse modo, realizei entrevistas semiestruturadas com integrantes (atuais e ex) e com o fundador e coordenador do Caras de Pau. Para buscar certa isenção na análise, realizei também a coleta de fotografias durante as incursões de pesquisa, bem como investiguei o acervo de documentos do grupo. Evidentemente, a isenção que se espera em uma pesquisa científica foi atravessada pelo fato, já citado, de que minhas primeiras experiências com o teatro, que duraram cerca de três anos, aconteceram junto com o Caras de Pau.

Por conta disso, percebi que a investigação me causou uma série de sensações boas, pois meu objeto de pesquisa, o grupo Caras de Pau, é parte de minha própria história. E, assim, após pesquisar, a sensação marcante foi a de ter mergulhado em minha própria vida e, daí, fazer emergir muitas lembranças, emoções e reencontros com pessoas queridas que há muito não encontrava. Por tudo isso, ter pesquisado o Caras de Pau foi muito prazeroso. Mais do que isso, foi entender um pouco mais o que me movimenta no campo teatral, particularmente no teatro comunitário.

O presente texto, portanto, está organizado de forma a evidenciar todos os atravessamentos que tive durante a pesquisa. Ora falo no presente, isto é, como pesquisadora, ora falo de um passado muito presente para mim. Contudo, mesmo tendo sido afetada pelo objeto de pesquisa, procurei ler o trabalho realizado do Caras de Pau desde a ótica de meu trajeto no curso de Licenciatura em Teatro, isto é, desde a ótica de alguém que prima pela linguagem teatral e entende que o teatro é mais transformador quando feito com qualidade técnica.

A organização do trabalho foi feita buscando uma sequência cronológica da pesquisa. O argumento de que o Caras de Pau é um importante grupo de teatro comunitário permeia todos os pequenos textos. E essa, inclusive, foi uma opção metodológica: em vez de organizar o texto final em capítulos, decidi por organizá-lo em imagens que encontrei, que recordei e, com isso busquei mostrar o Caras de Pau em todas as suas interfaces. Espero, como objetivo principal da pesquisa, fazer o leitor conhecer um pouco da história do Caras de Pau que é também a minha história.

O ESPAÇO ATUAL

Atualmente o grupo Caras de Pau usa como sede uma casa localizada numa das principais ruas de São José do Norte, a Rua General Osório, popularmente conhecida como Rua Direita. Essa rua apresenta durante o dia um notório movimento de pessoas ligadas ao comércio da região e à noite é o principal *point* dos jovens e adultos da cidade.

Vista do lado de fora, a casa onde o grupo desenvolve suas atividades parece uma casa comum, porém antiga. Entrando nela, podemos ver espaços que poderiam ser quartos, cozinha, salas, banheiros e pátio. No entanto, cada cômodo é usado com um intuito educacional e artístico, sendo eles transformados em camarins, escritório, recepção, biblioteca, sala de informática, sala das oficinas, cozinha, banheiros feminino e masculino, etc.

A casa é rústica, degradada e com visível falta de manutenção por muitos anos. Está situada na zona em que se encontra o patrimônio histórico arquitetônico da cidade, mas ainda não foi tombada. O espaço foi cedido por membros da família Costa, habitantes da cidade, e foi ocupado pelo Caras de Pau, mesmo com as condições de infraestrutura pouco adequadas. Mesmo assim, o que se percebe andando pela casa é que os integrantes do grupo cuidam do espaço como se fosse uma casa nova. O espaço é acolhedor e confere credibilidade ao jargão do grupo: “é a casa da família Caras de Pau”.

O imóvel foi construído mais ou menos na década de 60 e, até os dias de hoje, não passou por nenhuma reforma expressiva. A pintura externa está envelhecida. Observando as janelas e a porta de entrada pode-se perceber que a segurança é precária. Nos arredores da casa há residências de arquitetura parecida que, porém, já passaram por reformas.

Ao lado da porta de entrada da casa está fixado um pequeno cartaz identificando o Grupo: “Ponto de Cultura Caras de Pau”. É o único item de identificação da casa, sem ele poder-se-ia dizer que trata-se de uma residência como as outras.

Ao entrar na casa sentimos um cheiro de madeira envelhecida. Logo na entrada tem um pequeno corredor. Em seguida, vê-se uma sala onde se encontram três estantes com diversos livros, além de uma mesa com materiais de escritório, a recepção. Nessa sala, na parede, há painéis com algumas fotografias de integrantes do grupo e de alguns espetáculos.

O assoalho é de madeira e caminhando sobre ele escuta-se um frequente ruído de madeira solta. Do lado direito da sala da recepção há outro espaço, com o mesmo tipo de assoalho, mas que pelo grande fluxo de pessoas faz um pouco mais de barulho. Nesse segundo espaço há uma estante onde ficam um aparelho de som e alguns adereços, cartazes de espetáculos que já foram apresentados pelo grupo, *banners* com fotos de ex-integrantes, além de algumas fotos mais recentes. Essa sala possui três janelas grandes, duas que abrem diretamente para a rua e outra que abre para o quintal da casa. O chão tem marcas de desgaste, pois é justamente nesse espaço que, no momento, são feitas as reuniões e outras atividades.

O próximo espaço é a sala de informática. Nela estão dispostos dez computadores antigos, sendo que apenas dois funcionam. Esses computadores são disponibilizados para acessos dos integrantes a redes sociais como o *Orkut*, o *Facebook*, o *MSN*, entre outras. Nessa sala há também uma janela que abre para o quintal, tal janela fica acima de dois sofás forrados com panos, onde os integrantes costumam se acomodar em diversas situações. Há ainda na mesma sala uma estante com alguns adereços e um painel de “aniversariantes do mês” feito de E.V.A.

Em outra parte da casa há o escritório: uma mesa com canetas, papéis, lápis; um armário que geralmente fica fechado, pois são guardados documentos e pertences do coordenador do grupo, Paulo Rubilar Pereira¹, mais conhecido como Binho; uma mesinha onde fica a água; e outra janela que também fica para o quintal. Em frente à mesa do escritório há uma porta que leva a uma pequena área onde ficam diversas plantas cultivadas por Binho, que tem o hábito de fazer pequenas plantações e afirma gostar muito de plantas de todos os tipos: flores, ervas, etc. Segundo ele mesmo, as plantas irão sempre acompanhar o grupo.

Em seguida há outra sala um pouco maior que as anteriores, com um piso frio pintado numa tinta já desgastada, em tom avermelhado. Nessa sala há uma grande mesa rodeada de cadeiras, além de outras cadeiras em um canto. Em tal sala costuma-se realizar reuniões e ensaios, o que não impede que atividades desse tipo sejam realizadas também em outros espaços, principalmente quando realizam-

¹ Formado em Artes Visuais na Universidade Federal de Rio Grande, atua como professor de rede municipal e atualmente está exercendo o papel de Secretário de Educação na Cidade de São José do Norte.

se oficinas com um número grande de participantes. Em tais casos, praticamente todos os espaços da casa podem vir a se transformar em sala de ensaios.

Segundo para o fundo do imóvel, à direita, encontra-se a cozinha com mesa, armários para armazenar alimentos, um balcão de pia, fogão, geladeira, copos, talheres, pratos, xícaras, entre outros utensílios.

Na cozinha há uma porta que vai para um pequeno quintal, onde há pequenas árvores e algumas plantas. É nesse espaço também que se encontram dois tanques, uma pia e dois banheiros, um masculino e um feminino.

Além dos integrantes do grupo, a casa é também ocupada pelo cachorro Sol, um vira-lata que acompanha o grupo há sete anos. Lembro-me de que ele ainda era bem pequeno quando participei do grupo e quase não o reconheci agora que retornoi à casa para fazer essa pesquisa.

A cor da casa é diferente em cada peça. São cores fortes, embora a ação do tempo tenha feito com que as cores ficassem sem brilho e descascando. Em várias das paredes há painéis com fotos de espetáculos, notícias de jornais, fotos dos integrantes, fotos de momentos anteriores do grupo, etc.

A função de manter a casa organizada é feita diariamente pelo próprio coordenador. Evidentemente com a ajuda dos integrantes do grupo.

No lado esquerdo da casa encontra-se o camarim. É, na verdade, o lugar onde eles guardam todo o material que ganham e usam nas apresentações teatrais, incluindo roupas, um guarda-roupa grande e sem portas, um caixão enorme, materiais trazidos pelos integrantes e familiares dos integrantes, além de doações de terceiros. Pode-se dizer que o espaço é, na verdade, um “camarim-almoxarifado”.

Há lugares da casa em que o forro está em péssimas condições, sobretudo no camarim-almoxarifado, onde ele está quase caindo.

FREQUENTADORES

A casa é frequentada na maior parte das vezes por jovens com idade entre 7 e 18 anos. O grupo é aberto a toda a comunidade, tanto que a sede pode ser usada pelos integrantes fora de horários coletivos. Além disso, o espaço do Caras de Pau abriga também outros projetos com a mesma responsabilidade social. Assim, frequentam a casa, além dos próprios Caras de Pau, grupos de capoeira, de dança, clowns, músicos, pintores, etc. São projetos coordenados por pessoas com quem o grupo faz parcerias. Tais atividades extras desenvolvidas na casa possibilitam aos jovens integrantes do grupo uma aproximação ainda maior com a arte e a cultura.

A seleção de novos integrantes para o grupo acontece da seguinte forma: os interessados vão até a casa e recebem um pequeno texto, que pode ser um poema ou o trecho de uma peça. É então marcado um dia para que o pretendente ao ingresso no Caras de Pau apresente-se usando tal texto, diante de uma banca composta por integrantes do grupo que avaliarão sua apresentação e decidirão sobre sua entrada ou não no grupo.

Esse processo é feito com o intuito de estimular a leitura e fazer com que novos integrantes entendam que um grupo de teatro é também um lugar de trabalho e disciplina. Quem se apresenta, independentemente da qualidade da interpretação, é aprovado, pois apresentando-se prova que pode fazer teatro. No entanto, o resultado é divulgado em um dia específico para manter o rito de passagem de “você passou no teste!”. A partir desse ritual, aqueles que se apresentaram começam a participar oficialmente do Caras de Pau.

Os meninos do grupo são simples e geralmente vestem-se com calças largas mostrando a cueca, bermudão também caído, bonés cobrindo parte da orelha e frequentemente estão ouvindo música e cantando *hip-hop*, *funk*, *pagode*, etc. As meninas não ficam atrás: também se vestem de um modo simples: minibermudas, tops, minicamisetas, chinelos, cantam e dançam funk, conversam sobre assuntos femininos e frequentemente discutem com os meninos. Tais discussões, porém, são passageiras e logo depois que a crise de gênero passa, são logo substituídas por flertes. E tanto os meninos como as meninas possuem muita energia e força de vontade e encontram no Caras de Pau um lugar para se expressarem.

Outros frequentadores, também jovens, não comparecem na casa somente para as atividades de teatro, mas também para ler, conversar e, algumas vezes, ajudar na limpeza do ambiente, na higienização do cachorro, etc.

Quando na casa acontecem confraternizações, os familiares dos integrantes são também convidados. Assim, as famílias da “família Caras de Pau” também frequentam a casa, algumas inclusive participando das atividades. As confraternizações consistem em almoços, jantas, comemorações dos aniversariantes do mês ou de alguma data festiva, como dia das mães, dia dos pais, aniversário do grupo, etc. Ou seja, frequenta o Caras de Pau quem tem a audácia de mesmo sem recursos financeiros adequados, ser “cara de pau” para fazer teatro.

ROTINA DE TRABALHO

Prosseguir,
Perseguir,
Procurar,
Encontrar.

Olhos grandes em caras escuras,
Olhos cheios de esperança, dentro da desesperança,
Olhos felizes em caras escuras, em corpos suados, em corpos cansados,
Que vivem através da Arte
Momentos de FANTASIA.
Carlos Drummond de Andrade

Esse poema de Carlos Drummond de Andrade integra um ritual do Grupo. Em todo final de oficinas, os integrantes se reúnem em círculo e o declamam em coro e, para concluir o rito, gritam com muita energia o nome do grupo. O poema, segundo o coordenador, representa a ideologia do grupo: seguir sempre, mesmo com dificuldades.

As oficinas acontecem três vezes por semana: nas segundas, quartas e sextas, sempre das 18hs às 20hs. No entanto, às 17h30min alguns integrantes já começam a chegar e outros chegam mais cedo. Ficam pela casa, conversam com o coordenador, conversam entre eles, ficam na frente da casa observando o movimento da cidade e, enquanto isso, aguardam os demais chegarem. A frequência dos membros do grupo nas oficinas é controlada através de um caderno, que, a cada encontro, é assinado pelos integrantes presentes, número que geralmente varia de 20 a 30.

No intervalo de cada oficina o coordenador serve um lanche para os integrantes. O lanche é geralmente composto de bolachas e suco e, às vezes, as bolachas dão lugar a um pão recheado. Em todo dia de oficina o lanche é sagrado. É outro ritual do grupo: comer juntos.

As oficinas são normalmente coordenadas pelo “Binho”. Em algumas ocasiões são ministradas por integrantes mais antigos que participam do Grupo.

As oficinas são iniciadas, na maior parte das vezes, com um relaxamento. Todos deitam no chão e ouvem uma música suave enquanto o coordenador da

oficina estimula com palavras o desenvolvimento da imaginação, da concentração e da reflexão.

Nas oficinas ministradas por Binho, trabalha-se com a divisão do grupo em subgrupos. Após a divisão, é proposto para cada grupo um tema com o qual os integrantes deverão improvisar, criando pequenas cenas.

Cada subgrupo tem 20 minutos para se organizar e montar sua cena. Esses temas propostos por Binho sempre tem um objetivo educativo, pois ele aborda questões como racismo, desigualdade, sexualidade, adolescência, gênero, família, drogas, situações do cotidiano, entre outras. Passados os 20 minutos, cada grupo apresenta para todos os participantes as suas improvisações. Nesse momento de apresentações a ênfase do trabalho é o coletivo. Procura-se desenvolver o olhar do outro, pois a apresentação é o momento de olhar e escutar os demais.

A prática como espectadores, além de ser enfatizada em cada dia de oficina, é também realizada quando acontecem espetáculos de teatro, rara e geralmente em Rio Grande, cidade vizinha. A maioria dos integrantes se encontra em um horário predeterminado e vão todos juntos ao espetáculo.

As oficinas, além de ser um espaço para desenvolver a imaginação e a criatividade, têm o objetivo de trabalhar questões como montagens de espetáculos ou outras apresentações de cunho teatral.

O grupo tem cerca de 24 espetáculos em seu currículo. Um deles, “Historia de Pescador”, foi criado praticamente desde a fundação do grupo há 20 anos. Esse espetáculo aborda as dificuldades que algumas famílias sofrem quando seus familiares vão pescar em alto mar (profissão muito comum no Norte). Há também o “Jeca na Casa das Sete Mulheres” uma sátira sobre a minissérie “A Casa das Sete Mulheres”, exibida pela Rede Globo de Televisão. Muitos dos espetáculos são criados a partir de improvisações feitas nas oficinas.

Cada um dos espetáculos, no entanto, pode ser considerado como um ato improvisacional, pois é uma prática recorrente do Caras de Pau operar com técnica de improvisação a partir de temáticas. Raramente o grupo parte de um texto escrito. O que normalmente acontece é a escrita do texto em função de improvisações, na maior parte das vezes de jogos improvisacionais.

BOAS LEMBRANÇAS

Fui integrante do grupo Caras de Pau entre os anos de 2003 e 2006. Tinha 13 anos de idade quando passei a integrar o grupo. Nessa época, o espaço do Caras de Pau era em outro local. Mas não é o espaço que mais está gravado em minha memória, mas sim o que ali realizei e vivenciei. Tanto que, passados aproximadamente 10 anos, estou desenvolvendo meu trabalho de conclusão de curso como uma homenagem à essa experiência que definiu minha escolha profissional.

No período em que integrei o grupo, o Caras de Pau desenvolvia suas atividades num espaço em que a estrutura era a de um armazém de cebolas (produto característico de São José do Norte). Em um desses enormes armazéns de preparação da cebola para a comercialização aconteciam as atividades do Caras de Pau. O Armazém dispunha de um palco e um espaço bem amplo à frente. Atrás do palco, à direita, havia uma ampla sala, onde permaneciam as roupas e os pertences do grupo, o camarim. O chão era de cimento bruto. Nos fundos do armazém havia um quintal e uma pequena casa, onde tinha duas peças, uma cozinha e um banheiro. A cozinha ficava na entrada e o banheiro no lado direito. A cozinha tinha uma pia, um fogão, uma geladeira, alguns talheres e pratos, pois costumávamos fazer jantas e confraternizações do grupo nesse espaço.

Nesse espaço também aconteciam atividades que envolviam com mais frequência os demais jovens que não participavam do Grupo, como festas juninas, apresentações teatrais, apresentações dos grupos de dança, capoeira, comemorações de datas festivas como sexta feira 13, dia das crianças, etc. Os jovens da comunidade prestigiavam bastante as festas do Caras de Pau. Na maioria das vezes essas festas aconteciam com entrada gratuita ou então era cobrado o valor de R\$ 1,00.

Nessa época, cada integrante do grupo pagava uma mensalidade de R\$ 2,00 e tal pagamento era controlado através de carnês. O dinheiro arrecadado servia para manter o aluguel do espaço, além de realizar as manutenções necessárias. Outra forma pela qual arrecadávamos dinheiro era colocando, nas festas realizadas pelo grupo, bancas de doces e salgados, com valores bem abaixo do mercado. Todo o grupo ajudava na realização das festas sendo as tarefas divididas. Uma turma ficava responsável pelas vendas nas bancas, outra ficava monitorando as brincadeiras, outra turma ficava na recepção, e assim acontecia o evento. Depois de

terminada a festa, geralmente no dia seguinte, todos ajudavam também na limpeza do ambiente, havendo novamente uma distribuição de tarefas, alguns limpavam o chão, outros organizavam o camarim, outros limpavam a cozinha, etc.

Além dessas festividades dentro do espaço, o grupo também realizava apresentações teatrais em escolas, bairros, e fazia também animações em festas, em instituições como a APAE e grupos de idosos, não cobrando nada pelas mesmas. O que ganhávamos, às vezes, era um lanche. O que fazíamos com mais frequência eram apresentações nas escolas, sendo muitas em datas comemorativas. Os temas das apresentações eram sugeridos por aqueles que nos convidavam a apresentar ou um assunto que estavam trabalhando na escola. Assim, o grupo realizava ensaios com improvisos a partir do tempo sugerido e, desses improvisos, criava-se uma pequena esquete para ser apresentada na instituição.

De muitas lembranças que tenho sobre o grupo, uma delas é sobre a convivência que tive com os demais integrantes, muitos dos quais eu ainda não conhecia no momento em que ingressei no grupo. Na ocasião, integrava o Caras de Pau uma grande amiga, pessoas que eu conhecia de vista e demais participantes que fui conhecendo ao longo da rotina de encontros do grupo. A rotina de trabalho do Caras de Pau se mantém até os dias de hoje com oficinas, apresentações, confraternizações e projetos integrados. Muitas amizades que fiz permanecem até hoje. Com essas pessoas compartilhei momentos bons e ruins. Aprendi a conviver com pessoas que pensam de modo diferente. Que agem de forma diferente. E isso me ajudou a perceber o meu modo de pensar, de me expressar e de compartilhar coisas que às vezes nem meus familiares sabiam.

Lembro-me que fazíamos muitas improvisações nas oficinas. Um dia, na minha primeira semana como integrante do Grupo, cheguei atrasada para uma oficina. Estavam todos improvisando em cima do palco, a partir de um tema dado por Binho. Então, Binho veio até mim e disse: “Vai lá colocar uma roupa e sobe no palco...”. Foi o primeiro dia em que improvisei em cima de um palco. E, também, foi esse o momento em que experienciei à Viola Spolin.

Naquela época, meu desejo era poder ir todos os dias para o espaço Caras de Pau. Tínhamos oficinas três dias por semana e os encontros extraordinários eram marcados quando havia alguma apresentação. Eu gostava bastante dos dias em que tinha festas juninas, pois ia muita gente da comunidade. Para a festa acontecer,

o grupo se reunia com antecedência para dividir as tarefas e o que seria apresentado na ocasião. Eu fazia duas apresentações e, quando possível, ficava ajudando na portaria e nas bancas. Essas apresentações eram típicas da data: casamento da roça, quadrilha, entre outras criadas pelos integrantes do grupo. Nessas festas sempre tinha uma música tocando, momento em que aproveitava para dançar com os meninos que me interessavam. Ao lado do espaço do Caras de Pau havia um beco, usado por alguns meninos e meninas, inclusive eu, para namorar escondidos do Binho.

Minha experiência com o teatro iniciou com a minha participação no Caras de Pau, lá experimentei atuar, improvisar, fazer animações em festas de aniversário, apresentações em comunidades e todas essas experimentações me fizeram refletir sobre minha carreira profissional. Percebi que o fazer teatral me encantava. E que não me importava quantas horas ficávamos ensaiando e apresentando. Mesmo que o pagamento era apenas um lanche. Isso demonstra o modo amador (no bom e no mau sentido) do Caras de Pau. No mau sentido porque a profissionalização teatral não é estimulada; no bom sentido porque o retorno maior era vivenciar os momentos de alegria e satisfação e estar ali convivendo com outros jovens: conquistando novas amizades, alegrando aqueles que nos assistiam, trocando ideias. Essas são as imagens de sentimentos valiosos que guardo da época em que participei do grupo.

Lembro que naquele momento achava que nada era ruim. Certamente esse é um sentimento de infância. Às vezes, passávamos a semana inteira envolvidos com as atividades do grupo e tudo era motivo para nos divertirmos. Também lembro que não era só diversão, também aprendíamos; Binho sempre tinha alguma ideia nova ou uma oficina diferente a cada semana. Uma das oficinas que eu gostava era a de relaxamento e imaginação. Muitas vezes fazíamos coisas sem saber o porquê, mas que faziam parte do processo de criação dos espetáculos. Como atriz da peça “História de Pescador”, participei de um seminário na Cidade de Dom Pedrito. Não lembro muito bem do que se tratava o tal seminário, só lembro que eram assuntos referentes à pesca. O que realmente lembro é da viagem de ônibus, na qual fomos o tempo todo fazendo batucada e conversando. Chegando ao lugar do evento, à noite, eu e mais três amigos não dormimos, saímos sorrateiramente para ninguém acordar e fomos para a rua, o lugar era como um sítio, enorme. Quando pensamos em dormir já era dia. Ainda hoje quando converso com esses colegas que estavam

comigo, lembramos-nos dessa época em que aproveitávamos cada segundo como se fosse o último.

A INFLUÊNCIA DO ESPAÇO NO TRABALHO DO CARAS DE PAU

Em um dia de oficina na sede do Caras de Pau pode-se observar que, para quem participa, a casa é aconchegante e adequada para as atividades. No entanto, o aconchego que observei e que já senti pode acontecer pelo fato de a maioria dos participantes terem pouca ou quase nenhuma experiência com espaços teatrais em que as condições técnicas são adequadas. Ainda, pode-se levantar uma hipótese de que o aconchego deve-se menos às atividades de teatro desenvolvidas e mais pela integração que o grupo tem. O fato é que é perceptível a alegria e o prazer com que participam e ocupam a casa.

Os espaços da casa são adaptados para que as atividades aconteçam. A adaptação acontece mesmo sem eles perceberem, pois, como comentado no capítulo anterior, o espaço tem repartições como uma casa comum.

O que se pode pensar, levando em consideração que, em 1993, quando o grupo iniciou suas atividades, não havia um lugar específico para as atividades, é que a adaptação pode ser entendida como um modo de resistência. O grupo iniciou sem um lugar e, desde a sua gênese, adaptou-se a muitos espaços. Não seria diferente em uma casa.

Na época em que integrei o grupo, entre 2003 e 2006, a sede era um galpão, que outrora servira como armazém de cebolas. O espaço era muito maior e mais organizado. Uma das diferenças entre o armazém e a casa é que na casa o custo com aluguel é zero, os Caras de Pau gastam apenas com pequenas manutenções; já no armazém gastava-se aluguel e manutenções.

Quando citei, num dos parágrafos anteriores, que um dos motivos para o ambiente do Caras de Pau ser aconchegante é que em minha memória o que mais gostava era o momento de estar com os demais colegas e amigos que faziam parte da trupe. Inclusive, em algumas semanas, eu chegava a comparecer no espaço todos os dias, mesmo sem participar das oficinas. Essa era uma prática muito comum. Ficávamos no espaço lendo, às vezes apenas conversando, ajudando a organizar o espaço, compartilhando novidades ou, também, participando de outros projetos que coabitavam o espaço do Caras de Pau.

Nas minhas incursões na qualidade de pesquisadora pela sede do grupo, o que percebi não é muito diferente do que havia vivido enquanto adolescente. Evidentemente são outros os jovens, é outra geração, contudo, todos estão sempre presentes nas oficinas e do mesmo modo que eu em outro tempo: comparecem nos

dias que não fazem teatro para ajudar e, muitas vezes, inventar coisas para fazer. A sintonia do Grupo, a vontade de estarem reunidos, as amizades que se estabelecem e, principalmente, a rotina Caras de Pau, permanece quase inalterada.

Em vários momentos de minhas observações do grupo busquei partir da seguinte pergunta “o que mudou desde o tempo em que participei?”. A resposta se consolidou; foi: muito pouco. Essa resposta é paradoxal, pois, do ponto de vista do coordenador e, certamente, de todos que estão muito envolvidos com a rotina, muitas coisas mudaram. No entanto, e é aqui que o paradoxo se apoia, a relação entre os integrantes parece continuar a mesma e a rotina do Caras de Pau, do ponto de vista de quem já esteve envolvida e observa agora como pesquisadora, é a mesma: oficinas, confraternizações, apresentações teatrais, apresentações em escolas.

Além da rotina de atividades e de relações interpessoais, também permanecem no grupo a figura dos multiplicadores (jovens que já participaram do grupo e que voltam ao Caras de Pau para realizar oficinas). De acordo com Binho,

Muitas vezes tive vontade de parar quando alguma coisa dava errada. Mas, quando falo o problema para os jovens, eles tratam de um jeito tão simples. Recebem essa notícia como se fosse mais um desafio; e não se deixam abalar. Isso me dá força para continuar (informação verbal)¹.

Diante desse depoimento do Binho, não posso me furtar de analisar essa questão de forma mais aprofundada. Em primeiro lugar, percebo que nos quase 20 anos de existência o grupo nunca deixou de fazer suas atividades teatrais mesmo sem local específico. Como descrevi no capítulo anterior, pode-se perceber que para o Caras de Pau qualquer lugar é espaço para suas oficinas, montagens, intervenções, festas e comemorações.

O problema que identifico é que o grupo renovou muito pouco de seu repertório técnico. E essa percepção me leva a analisar pelo menos dois aspectos: 1. O grupo não alterou sua rotina por conta das dificuldades infraestruturais; e, 2. O grupo não alterou sua rotina por falta de acesso a conhecimentos técnicos em

¹ Entrevista realizada com o coordenador do grupo Caras de Pau, no dia 10/11/2012, na sede do grupo. Citarei ao longo do trabalho outros trechos dessa mesma entrevista, estando tais citações acompanhadas do indicativo “(informação verbal)”. A transcrição completa da entrevista se encontra no Anexo 2.

função da localização geográfica e/ou por isolamento de fontes de conhecimento (universidades, institutos estaduais, grupos de teatro).

As respostas para essa questão podem nos levar a fugir do problema específico desse subcapítulo: o problema da casa do Caras de Pau é na realidade um problema de infraestrutura. E esse problema é um problema recorrente nos grupos de teatro do Brasil, independentemente de sua área de atuação. Portanto, o que posso responder sobre esse item como pesquisadora e ex-integrante é que a sede do Caras de Pau é a casa da família Caras de Pau.

No Caras de Pau a questão da família é mais importante que a prática teatral. Estar em família é mais significativo do que estar em cena. A cena do Caras de Pau é um motivo para estar em grupo. Portanto, o Caras de Pau cumpre um papel mais social do que artístico. E isso não é ruim ou bom, é apenas uma qualidade do grupo nortense. A atual sede, uma casa, reforça ainda a situação utilitária da linguagem teatral: a convivência entre os participantes, às vezes, se sobrepõe às possibilidades de aprofundamento da linguagem teatral.

A LINGUAGEM TEATRAL NUM CONTEXTO INFRAESTRUTURAL PRECÁRIO

A grande maioria dos grupos teatrais brasileiros enfrenta dificuldades infraestruturais. Um bom exemplo é o Grupo Nós do Morro¹, situado no Morro do Vidigal no Rio de Janeiro desde 1986. Este Grupo, como o Caras de Pau, também passou por diversos espaços, mas mesmo assim permaneceu com suas atividades de desenvolvimento da linguagem teatral em primeiro plano e hoje é um grupo conhecido mundialmente. E o que marca bastante o grupo Nós do Morro, segundo segundo Coutinho (2009, p.113) é a presença dos multiplicadores, que trazem consigo “um pouquinho de cada um dos fundadores do grupo.”

Essa influência dos multiplicadores é um item que também está presente no grupo Caras de Pau. No entanto, a diferença está nos instrumentos utilizados pelos multiplicadores, tais como conhecimento de técnicas teatrais de dramaturgia, de direção, de cenografia, de figurinos e não apenas a de jogos improvisacionais e relaxamento como ocorre no grupo nortense.

Outro importante grupo para trazermos para essa conversa é o Catalinas Sur², situado em Buenos Aires e fundado em 1983. Esse grupo, também enfrentou dificuldades com espaços, mas a organização interna é tão embasada na linguagem teatral que o que fazem em cena é uma espécie de continuidade do trabalho comunitário. Tanto que o Catalinas possui em seu repertório espetáculos com grande número de atores, músicos, técnicos e produtores.

¹ De acordo com informações coletadas no espaço virtual do grupo Nós do Morro: “O Nós do Morro foi fundado em 1986, com o objetivo de criar acesso à arte e à cultura para as crianças, jovens e adultos do Morro do Vidigal. Hoje, o projeto se consolidou e oferece cursos de formação nas áreas de teatro (atores e técnicos) e cinema (roteiristas, diretores e técnicos), abrindo e ampliando os horizontes para um sem-número de crianças, jovens e adultos moradores, ou não, do Vidigal”. Disponível em: <http://www.nosdomorro.com.br/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=3&Itemid=4> Acesso em: 07 fev. 2013.

² De acordo com Adhemar Bianchi, líder do grupo Catalinas Sur: “Somos um grupo de vizinhos que encontram no teatro a possibilidade de comunicar com outros vizinhos. Através do teatro, tentamos recuperar o valor de nossas histórias coletivas e individuais e também para recuperar a memória que acreditou e que acredita em um mundo melhor. Parece ser excessivo dizer que o teatro pode mudar a sociedade, mas um grupo de homens e mulheres que fazem o teatro pode levar adiante um projeto apoiado nas ricas tradições e da história vital da coisa popular. Quando o espetáculo termina e todas as pessoas aplaudem-nos, nós pensamos e sentimos que o teatro é uma forma de comunicar e uma forma de resistência, e também caiu para que a nossa ‘utopia’ é possível”. Disponível em <<http://hidvl.nyu.edu/video/000028670.html>> Acesso em: 02 fev. 2013.

O que se pode perceber é que os dois grupos citados e o Caras de Pau têm grande semelhança no que diz respeito aos princípios: ambos operam na relação estreita com a comunidade a que pertencem. Embora com realidades diferentes, a diferença principal concentra-se exatamente no manejo e no acesso das técnicas de criação teatral. Segundo Cohen,

A cidade é o espaço geográfico e político no qual o grupo teatral está inserido. Nesse espaço estão presentes as políticas públicas de apoio à cultura, ou é demarcada sua ausência, as parcerias privadas e os cidadãos que constituem a sociedade. Todos os elementos que coabitam o local, de alguma maneira, exercem influência na construção de identidade dos grupos teatrais (2010, p.99).

De acordo com Cohen percebe-se que, mesmo tendo informações e conhecimentos, o poder de modificar a realidade e as ações políticas estão ligados ao solo que pisam e à comunidade a que pertencem. É evidente que as transformações acontecem de fato se há uma configuração em que conhecimento técnico se reúne a contextos sociais particulares.

Uma diferença entre os grupos Nós do Morro e Catalinas Sur e o Caras de Pau é que os primeiros fazem o teatro comunitário dentro de um único bairro de uma cidade grande (Rio de Janeiro e Buenos Aires, respectivamente). Por sua vez, o Caras de Pau age em uma cidade pequena, que segundo pesquisa do IBGE (realizada em 2010), a estimativa da população é de 25 mil habitantes. Quem faz parte do grupo integra a comunidade nortense em geral. Contudo, o que realmente diferencia os três grupos é o modo como conseguem equilibrar a linguagem teatral e os interesses políticos e educacionais. O Nós do Morro e o Catalinas Sur, provavelmente por se situarem em grandes centros da arte teatral, privilegiam a dimensão estética da arte teatral. O Caras de Pau, por sua vez, e certamente pelo isolamento geográfico e cultural, opera mais com a dimensão sócio-educativa e menos com a dimensão estética.

Digo isso, porque são três grupos com grandes semelhanças, com os objetivos praticamente iguais, mas o que muda é o reconhecimento de seus trabalhos em termos de linguagem teatral. Caras de Pau é o único grupo de teatro de São José do Norte em atividade atualmente. As referências de trabalho do grupo são as mesmas do seu início; a falta de acesso que a cidade impõe fez com que o grupo se mantivesse em seu curso como um resistente; sem acesso a conhecimentos teatrais para renovação de ideias e propostas artísticas, o grupo se

concentra muito mais nas questões sociais, isto é, na manutenção da “família Caras de Pau”.

Diante disso, se apresenta uma questão interessante: um grupo é mais eficaz em questões sociais quando a linguagem teatral é bem trabalhada ou apenas a questão social é satisfatória? A resposta é complexa, pois pode ser respondida de modos muito diversos e com ideologias também variadas.

Apenas para ilustrar, estudando em Pelotas, cidade relativamente próxima de São José do Norte, pude perceber que nas aulas da disciplina de Estágio III, a qual se concentra em estudar teatro e comunidade, pouco se estuda dos grupos de teatro em comunidades da região. Um dado é que ninguém do grupo com o qual estudei conhecia o Caras de Pau. Isso ocorre por falta de divulgação? Sim, mas não só por falta de divulgação, mas também pelo desinteresse da comunidade acadêmica em fazer pesquisas sobre grupos que realizam o teatro comunitário. E, na ausência de dados das comunidades próximas, a academia acaba privilegiando a teoria e a prática estudada acaba ocorrendo em termos mais teóricos e de grupos com ampla divulgação por pesquisadores de grandes centros (como é o caso do Nós do Morro e do Catalinas Sur).

Outro fator que percebo confrontando o estudo teórico de grupos de comunidade e o Caras de Pau é a dificuldade de se fazer divisões de tarefas entre os integrantes. No Catalinas, como no Nós do Morro, a divisão clara de tarefas garante que todos tenham uma voz mais ativa. No Caras de Pau, embora todos tenham o direito de participar de todas as instâncias, a falta de uma divisão clara torna o trabalho confuso e muito concentrado na figura do coordenador.

No Caras de Pau, formado por uma maioria de jovens que têm acesso à internet, há mesmo a ausência de um espaço virtual. Não há quem tenha a responsabilidade de divulgar as atividades do grupo. O uso de redes sociais, blogs, etc, poderia facilitar o diálogo do grupo com outros grupos semelhantes. E, com isso, compartilhar as trajetórias, dificuldades infraestruturais e técnicas. O que noto, após a pesquisa, é que o trabalho do Caras de Pau, embora mantendo o diálogo sempre aberto, ainda está muito concentrado nos esforços do coordenador.

A questão da infraestrutura é realmente um problema para boa parte dos grupos teatrais. No entanto, estudando o Catalinas e o Nós do Morro, pode-se afirmar que a infraestrutura precária pode ser vencida ou, pelo menos, minimizada com organização interna dinâmica e descentralizadora.

As dificuldades estruturais e técnicas poderiam ser diminuídas se tivesse também um apoio dos órgãos governamentais (universidades, secretarias, fundações, etc) para formação específica dentro desses grupos. O conhecimento de um grupo como o Caras de Pau depende muito mais do acesso às técnicas da linguagem teatral, pois a questão social tem se pautado na família e no amparo que cada jovem encontra na sede e nos participantes do grupo.

PRODUÇÃO DE ESPETÁCULOS

Diante do que foi analisado até o momento, faço o seguinte questionamento: a qualidade da produção de espetáculos aumentaria se o coordenador e os integrantes tivessem mais acessos técnicos? Essa questão se ampara no seguinte excerto de texto:

Ao caminhar os grupos teatrais constroem seus próprios caminhos – seus próprios repertórios representativos, seus modos de trabalho e suas identidades artísticas. Tais identidades coletivas vão se formando por meio das escolhas, das renúncias, dos encontros, dos conflitos, das rupturas, dos acordos e das experiências mais significativas vivenciadas no interior do grupo e nas relações traçadas entre ele e o seu entorno. (COHEN, 2010, p. 99).

Ao considerar o texto de Cohen em relação à produção de espetáculos do Caras de Pau em que o ponto de partida são as vivências pessoais dos integrantes, e também um modo de manterem a própria memória do grupo, chego a um outro problema: a maior parte dos integrantes, em função da falta de acesso de técnicas teatrais, criam com referência nos meios de massa – principalmente a TV; desse modo, as expressões que muitos podem considerar pessoais são de fato uma reprodução de modos dominantes da cultura de massa. O problema se intensifica se considerarmos que esses meios alienam mais do que fazem refletir sobre o contexto mais próximo.

De acordo com as palavras de Binho, o trabalho se concentra na espontaneidade e no interesse dos participantes.

Eu trabalho muito a questão do trabalho de criação deles, a questão do contemporâneo local deles, o que eles estão vivendo. Eu já tentei várias vezes fazer um trabalho clássico, um trabalho mais sério, mas o resultado não é o que eu espero, eles são mais espontâneos, eles são mais naturais. Então, como é um público jovem também, a dificuldade que eu tenho é de fazer um trabalho sequencial, pela questão da idade, então a gente trabalha muito na questão do improviso, muito na questão do tema local (informação verbal).

Nessa fala fica ainda mais claro que, para o coordenador do Caras de Pau, a manutenção dos adolescentes no grupo parte dos interesses que eles têm quando chegam ao grupo. Com isso entra em outra questão que tem relação direta com o domínio de técnicas teatrais. Essa questão diz respeito ao gênero de trabalho do Caras de Pau: o teatro de improviso. A primeira pergunta que se pode fazer é: como o improviso estimula a aquisição da linguagem teatral? Ao questionar o coordenador

sobre suas fontes motivadoras para o trabalho com as oficinas e espetáculos, obtive a seguinte resposta:

Às vezes fico me perguntando quanto a isso, pois é estranho, eu faço ao natural, eu faço porque gosto do que faço. Às vezes eu preparo uma oficina e chego aqui e ela se desconstrói diante da gurizada que vem para fazer a oficina e acabo trabalhando aquilo que eles propõem (informação verbal).

Ele usa uma prática que muitos grupos de teatro no Brasil usam. A prática do improviso é muito utilizada por muitos estudiosos e teatrólogos para preparação de atores, construção de personagens e construção de cenas. A diferença entre as muitas práticas de improviso está justamente na função que essa prática cumpre no processo criativo.

Alguns buscam o improviso ao modo da *Commedia dell'Art*, isto é, como criação de repertório para improvisação diante de espectadores com máscaras especializadas ao longo de anos e vinculadas ao teatro popular. Outros como lugar de criação (o primeiro passo do processo criativo) e, outros ainda buscam o improviso como método de ensino de teatro (como é o caso dos jogos teatrais e dramáticos). O que me chama a atenção é que o Caras de Pau usa o improviso como espaço de convivência: o teatro que se faz ali é realmente fruto dos meninos e meninas que participam das oficinas. Desse modo, o improviso praticado mistura jogos teatrais com aquisição de repertório. Os espetáculos apresentados, portanto, é um misto de improvisação com textos escritos pelo coordenador. Ou, dito de outro modo, não são espetáculos, mas atos improvisacionais.

FLUXO DE INTEGRANTES

O problema do fluxo de pessoas no Caras de Pau é uma constante. Alguns integrantes permanecem anos, outros meses, e ainda tem aqueles que ficam dias. As hipóteses para o “entra e sai” de pessoas são inúmeras: produção inconstante, afinidades com o grupo, ausência de métodos de trabalho que alternam improvisação com outras metodologias de criação teatral, etc.

No entanto, o vaivém de pessoas é utilizado como uma ferramenta para ser usada na construção dos personagens. Depois de um trabalho pronto ou em andamento, todos os integrantes buscam conhecer a totalidade dos personagens. Como tudo é improvisado, basta apenas que cada um conheça os personagens em linhas gerais. Em um espetáculo do Caras de Pau nada precisa ser aprofundado. Com isso, caso um integrante faltar, a substituição é garantida e a socialização, principal ação do grupo, também.

Outro fator qualitativo do Caras de Pau é que se trata de um grupo de adolescentes. Por que só jovens participam do grupo? Por que adultos não? Não é que adultos não possam participar, mas é que hoje o grupo está mais focado em atender aos jovens e reunir suas vontades. No entanto, seria interessante que mais adultos participassem como cooperadores do grupo, desenvolvendo palestras, cursos, bate-papos sobre suas experiências pessoais e profissionais para os jovens.

O caso do Grupo Nós do Morro é emblemático: começaram com o objetivo de levar a arte e cultura para crianças, jovens e adultos do Morro Vidigal. No Nós do Morro todos ajudam, todos são encenadores, cada um ajuda e repassa para os demais o que sabe, com isso o trabalho coletivo fica mais intenso e diversificado, possibilitando entre eles o momento de multiplicar. No grupo Catalinas Sur também utiliza-se o conhecimento dos demais para realizações de oficinas, cursos, seminários.

No Caras de Pau, como pude avaliar em minhas observações, o conhecimento esbarra na pouca experiência e conhecimento dos próprios participantes. Isso acontece porque o Caras de Pau é um grupo aberto à comunidade, mas a comunidade frequenta pouco o Caras de Pau em termos de interação de conhecimento. E é justamente essa interação que age na ampliação de conhecimentos particulares.

Um grupo ocorre envolvendo seres humanos e esse encontro sempre é revestido de uma manifestação afetiva. O domínio da dimensão afetiva é um dos pilares fundamentais no trabalho com grupos (NETO, 2009, p.13).

Talvez seja esse o principal pilar de sustentação do Caras de Pau: a afetividade. No entanto, é preciso considerar que a afetividade vai além dos afetos que consideramos como “sentimentos bons”. Ser afetado significa ser transformado. E isso pode ser feito por meio do conhecimento de uma metodologia (ser afetado pela metodologia), pela literatura, enfim, pelo mundo além do mais próximo.

Se o pilar de sustentação do Caras de Pau é a questão social, é fundamental um investimento de tempo para buscar a interação entre gerações. O novo aprendendo com antigo. E isso pode ser buscado alterando algumas rotinas do grupo: promover mais palestras com profissionais de várias áreas, utilizar novos gêneros de atuação além da improvisação, etc. Talvez seja essa uma interação necessária para que o grupo se mantenha como um espaço em que muitos buscam a afetividade. E essa afetividade pode ser ampliada com o aumento de domínio técnico. É interessante ter a troca, não que seja sempre, mas que haja essa relação entre as gerações.

O CARAS DE PAU E A CIDADE DE SÃO JOSÉ DO NORTE

Pensar a relação entre o grupo Caras de Pau e a cidade de São José do Norte é pensar uma relação de quase vinte anos. Seria quase ingênuo perguntar coisas do tipo: qual a importância que o grupo tem para a cidade? Que papel ele cumpre nessa sociedade? Essas perguntas, se feitas por um pesquisador menos envolvido com o grupo, poderiam resultar nas seguintes respostas: o grupo congrega jovens da cidade e os fazem compreender melhor a linguagem teatral; ou o grupo atua em áreas de risco, portanto, funciona como elemento que estimula seus participantes a se tornarem sujeitos mais críticos; ou, ainda, o grupo representa a principal manifestação teatral da cidade. As respostas poderiam ser formuladas de muitos modos. A grande questão é: o Caras de Pau tem quase 20 anos de trabalho ininterruptos e por isso só tem um valor inestimável para a cidade.

A importância do Caras de Pau é tão significativa que não precisa ser escrita nos jornais, mostrada na TV, e sim prestigiada, aplaudida diante de tantos ensinamentos que dentro do grupo existem há anos. Através desses ensinamentos, os jovens que estão fazendo parte do grupo começam a ter noção do que é bom e ruim para a vida deles.

É justamente essa convivência com o diferente que se configura no principal elemento do processo de aprendizagem em grupo. Elemento esse que caracteriza, inclusive, a metodologia de trabalho do grupo. O teatro serve mesmo de pretexto para a vida. Um bom exemplo é o fato de ter observado que o texto de estudos de uma oficina era o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Quando Binho distribuiu trechos do ECA para servir de pretexto para improvisações, pude confirmar que o fator “sensibilização política” falava mais alto que “sensibilização estética”. É por isso que os temas das improvisações normalmente, são: sexualidade, gênero, preconceito, drogas, violência, entre outros de interesse dos adolescentes. Esses temas são usados para desenvolver uma prática educativa, a qual não se dá somente através de improvisações. Com isso, além deles se depararem com essas questões na escola, o grupo funciona como um reforço na formação dos jovens, onde cada um pode mostrar sua percepção diante desses assuntos.

Como a cidade é pequena, boa parte da população já assistiu a alguma das improvisações do grupo ao longo dos quase 20 anos. Pode-se até dizer que boa parte da população já integrou o Caras de Pau. Talvez seja essa presença marcante que faz do grupo um teatro comunitário. E o grupo se apresenta mesmo em muitos

recantos da cidade: ruas, bairros, praias, etc. O Caras de Pau é que vai até onde está o público.

“Em relação à importância da arte teatral dentro grupo? É tudo! Teatro é vida”, diz Binho. É essa a importância que o teatro tem dentro do grupo, o desenvolvimento humano pensando na mudança social. Através do teatro acredita-se que se pode ajudar a construir uma sociedade consciente, pois através do teatro o Caras de Pau refaz a sua realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considero que este trabalho foi mesmo prazeroso, pois me senti muito à vontade para falar de um trabalho que fez parte do meu desenvolvimento humano. Em vários momentos fazendo essa pesquisa tive a impressão de que ainda estava na época em que tinha 13 anos. Relembrar esse tempo me fez refletir sobre o meu presente como mulher de teatro, agente cultural, professora. Ao perceber a grande influência que o teatro teve na minha formação, a responsabilidade de ser licenciada toma uma nova dimensão.

Pesquisar o Caras de Pau, isto é, minha própria origem no teatro, pode ser importante também para mostrar aos atuais jovens do grupo o quanto o teatro pode significar e mudar a vida uma pessoa. E essa mudança pode ser maior se conhecermos mais a linguagem teatral. Outro fator a ser enfatizado nessas considerações finais é o fato de poder colaborar para o campo da linguagem teatral, particularmente a do teatro em comunidades. Particularmente penso que a maior contribuição é o de revelar que há grupos muito interessantes de teatro comunitário bem perto de nossos contextos. Em vez de ficarmos pensando apenas em grupos comunitários de outros estados e países, podemos olhar cuidadosamente o teatro que os bairros de nossa cidade fazem.

Um fato ainda a ser considerado é que poderia ter pesquisado mais itens sobre o grupo se tivesse mais tempo para a pesquisa, pois quanto mais tempo se tem mais o trabalho fica completo. No entanto, pretendo continuar com essa pesquisa em outro momento, e em mais tempo, pois com certeza mais questões existem para serem analisadas e refletidas.

De qualquer modo, finalizo esse trabalho satisfeita em relação às questões que na pesquisa estão citadas e pela dupla contribuição que pretendi oferecer: uma primeira ao campo teatral da região sul do RS; a segunda aos jovens que hoje participam do Caras de Pau, contando como foi para mim o Caras de Pau antes. Ao Binho, meu diretor e coordenador primeiro, espero ter contribuído com um pontinho a mais no lindo trajeto do grupo. Mais que isso, quero dizer que ao pesquisar minhas origens no teatro, sinto-me no dever de retornar ao grupo como uma multiplicadora. Não quero que essa minha pesquisa seja apenas mais um documento no acervo sobre o grupo, quero retornar e seguir as reflexões que fiz aqui com ações teatrais, artísticas e sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COHEN, Samantha Agustin. **Teatro de grupo: trajetórias e relações – impressões de uma visitante.** 1 ed. Joinville: Univille, 2010.

DUTRA, Sandro de Cássio. **Improvação teatral - conceitos e experiências no Brasil.** Disponível em:
<http://www.seer.unirio.br/index.php/pesqcenicas/article/viewFile/750/686> Acesso em: 12 fev. 2013. 12:00.

História do Grupo Catalinas Sur. Disponível em
http://www.catalinasur.com.ar/index.php?option=com_content&view=article&id=4&Itemid=3&lang=es Acesso em: 02 fev. 2013.

História do Grupo Nós do Morro. Disponível em:
http://www.nosdomorro.com.br/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=3&Itemid=4 Acesso em: 07 fev. 2013. 22:30.

NETO, Francisco Guerguen. **Dinâmica de grupos – processo, facilitação e biodança.** 1 ed. Porto Alegre. 2009.

POMPEO, Márcia; VELLOSO, Sônia Laiz Vernacci. **Pontos de cultura: um espaço para o teatro comunitário nas políticas públicas.** Disponível em:
http://www.ceart.udesc.br/dapesquisa/edicoes_anteriores/8/files/01CENICAS_Marci_a_Pompeo-Sonia0602.pdf Acesso em: 15 de fev. 2013.20:35.

Ponto de Cultura. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/culturaviva/ponto-de-cultura/> Acesso em: 18 fev. 2013. 20:15.

São José do Norte - “Mui Heróica Villa”. Disponível em:
<http://www.saojosedonorte.rs.gov.br/?p=historia> Acesso em: 06 fev. 2013. 20:35.

TELLES, Narciso. **Teatro e dança como experiência comunitária.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

COUTINHO, Marina Henriques. **Nós do Morro – teatro e educação na formação de crianças e jovens do Vidigal: uma experiência que se multiplica.** In: **Teatro e dança como experiência comunitária.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

ANEXOS

Anexo 01 – Iconografia



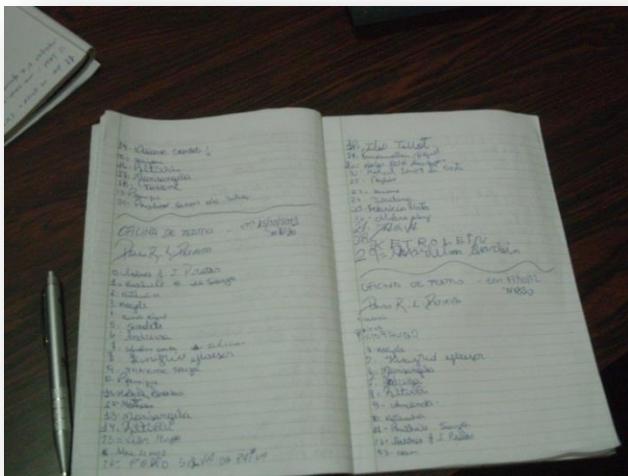
Imagen retirada em um dia de oficina na Casa Caras de Pau. 2013



O Coordenador passando um tema para oficina de improvisação. 2013



Sentados em uma parte da Casa para discutir um assunto que estava sendo discutido no dia de oficina. 2013



Livro de presenças do grupo Caras de Pau.2013



Dia de oficina na casa Caras de Pau, momento de discussão de algum tema proposto.2013



Jovens conversando na casa Caras de Pau.2013



Entrada da sala de oficinas na casa Caras de Pau.2013



Sala principal na casa Caras de Pau, onde são desenvolvidas a maioria das oficinas.2013



Momento de Oficina, os jovens junto com o coordenador do Caras de Pau.2013



Dia de limpeza do Caras de Pau.
2004



Apresentação do Caras de Pau.2003



Festa comemorativa do Caras de
Pau.2005



Apresentação no espaço do Caras de
Pau.2005



Ensaio do Caras de Pau em espaços alternativos.1998



Ensaio do Caras de Pau em espaços alternativos.1999



Apresentação do Caras de Pau na Escola em São José do Norte.2000



Confraternização, jovens com o coordenador Binho.2000

Anexo 2 - Entrevista com Paulo Rubilar de Lemos Pereira (Binho) – coordenador do grupo Caras de Pau

Entrevista realizada em 10 de novembro de 2012.

- Eu sou Paulo Rubilar de Lemos Pereira, mais conhecido como Binho. Desde 27 de Outubro estou com 45 anos. Desde que me conheço por gente sempre brinquei com teatro. Sou professor, trabalho na rede pública municipal aqui em São José do Norte há vinte e três anos. A consequência de eu ser professor é a questão do teatro, por que quando eu fiz minha faculdade de Artes Plásticas era em virtude de um grupo de teatro, “Jeito Nossa”, que tínhamos na década de 80 e era a única maneira de estudar um pouquinho o teatro; era no semestre de expressão dramática que tinha dentro do curso. Então foi feita essa faculdade na intenção de me preparar um pouquinho para trabalhar com o teatro, só que para me formar eu precisei fazer meu pré estágio, estágio, então me apaixonei pela sala de aula como professor, tanto é que sou até hoje, e uma curiosidade é que eu gostaria de apontar é que não consigo desenvolver teatro dentro da escola, então por isso que nunca parei de fazer teatro. O teatro é uma entidade a parte, parceiro de todas as escolas, por que um dos requisitos para estar fazendo teatro é estar estudando, temos integrantes do grupo de todas as escolas. Sou nortense, tenho amor a minha terra, vivo aqui desde que eu nasci.
- **Como foi a criação do Caras de Pau?** A minha história nesse Teatro Caras de Pau... desde 1993, através da Casa de Cultura, fazia dois anos que tinha saído do Jeito Nossa, tinha um grupo de jovens; inclusive eu naquela época era bem mais jovem, começamos a ter necessidade de trabalhar com grupo de jovens e adolescentes para fazer teatro. Na Casa de Cultura a gente decidiu fundar esse grupo. Então criamos um grupo com pessoas aqui da comunidade, os jovens. Era Fabiana Aguiar, Fabiano Muller, Binho, Michele, Sabrina... era uma galera pequena, o Eder. Era um grupo mais ou menos de 11 ou 12 pessoas.
- **Quem participava do grupo no começo?** Eram os adolescentes, mas era intenção de trabalhar dentro da Casa de Cultura, que hoje é o Instituto Histórico Geográfico São José, era ali que funcionava a Casa de Cultura e foi ali que formamos... a ideia era adolescente, jovens para ocupar nosso espaço ocioso. Começamos ali e eu continuei com a ideia de trabalhar e a gente foi. Hoje, em 2012, estamos com 19 anos, ano que vem estaremos comemorando nossos 20 anos e nessa trajetória já passaram mais de 3 mil jovens, adolescentes e crianças pela história do grupo Caras de Pau. Nós já tivemos a trajetória trabalhando em vários lugares, desde a rua quando não tínhamos espaço para trabalhar, já alugamos galpão, já alugamos espaço de baile, já alugamos círculo operário, já ficamos em garagem de casa, as escadarias da igreja, os canteiros da praça, os canteiros da “Rua Direita”.
- **De onde você tira informações sobre o fazer teatral? Tem algum autor que você lê ou leu?** Às vezes fico me perguntando quanto a isso, pois é estranho, eu faço ao natural, eu faço por que gosto do que faço, às vezes eu preparamos uma oficina e chego aqui e ela se desconstrói diante da gurizada que vem para fazer a oficina e acabo trabalhando aquilo que eles propõem. Em várias leituras, principalmente Constantin Stanislavski, eu sempre gostei muito desse cara, eu tinha três obras dele, e tudo que eu lia dele eu já sabia, pra mim não era novidade, o que eu fazia no teatro eram coisas que já sabia, então acho que a linha é essa, o trabalho é por ai. Eu trabalho muito a questão do trabalho de criação deles, a questão do contemporâneo local deles, o que eles estão vivendo. Eu já tentei várias vezes fazer um trabalho clássico, um trabalho mais sério, mas o resultado não é o que eu espero, eles são mais espontâneos, eles são mais naturais. Então, como é um público jovem também, a dificuldade que eu tenho é de fazer um trabalho sequencial pela questão da idade; então a gente trabalha muito na questão do improviso, muito na questão do tema local. Então, alguém nos convida para fazer um trabalho, tu me diz que o tema é este, nós vamos construir um

trabalho com este tema, como construímos? Eu dou uma ideia vinda de quem está nos convidando, sento com o grupo e nós construímos o restante; depois os personagens vão aparecendo nos ensaios, várias pessoas já passaram essa experiência, eu não sei te dizer em qual fazer teatral seria, porque tem de tudo um pouco, não teria como especificar qual teatro que trabalho com eles aqui, até pelo acesso que não temos aqui. Nós gostamos muito também do Bertolt Brecht; ele sempre foi um autor polêmico. Boal também, por trabalhar a realidade deles, existe essa necessidade de saber isso, é de tirar de dentro do jovem aquela emoção, aquele potencial que eles têm através da indignação, o teatro necessário da explosão de conhecimento interior que eles têm, que a gente desconhece às vezes e só vai vir a tona, e isso eu me identifico muito com Augusto Boal, a questão do Teatro do Oprimido; pegar a raiz do problema e trazer para dentro e a gente trabalhar. Então, trabalhamos muito essa questão família, muito sobre a sociedade em si. Não sei se teria algum vínculo direto, também não sei... simplesmente acontece, eu digo pra eles que já tenho percebido em vários momentos que eles vão se apresentar, eu, na incerteza, fico perguntando "será que o caminho é esse?" Às vezes, a gente fica, até por não ter a formação, eu fiz simplesmente um semestre de Expressão Dramática, participei do Teatro da FURG esse foi um ano com a professora Neiva, mas não foi uma bagagem, mais foi uma criação minha mesmo de informações, de leituras que fui buscando, muita mistura, nós temos muita mistura de muitas coisas. Eu lembro que recebemos em 2005 no Galpão, que era o espaço cultural que tínhamos, o Jean Pierre; ele trabalhava muito com Augusto Boal a questão do Teatro do Oprimido; ele gostou muito e também ficou chocado com as coisas que ele viu, ele se encantou com a gurizada, com a maneira que trabalhávamos, também algumas coisas ele não conseguiu entender, ele percebeu que trabalhávamos meio confusos. A primeira coisa que ele viu foi o problema do nosso palco; nós tínhamos um palco e tinha uns detalhes ali que atrapalhava e ele disse "tira", então nós tiramos, por que não temos essa vivência, quisera eu ir poder buscar mais experiência, mas trabalho dentro da minha realidade aqui, sou professor, tenho minha carga horária para trabalhar, não tive ainda tempo de dedicação própria para o teatro. Eu fui trabalhar com teatro em seguida que saiu da escola, sempre foi assim, nessa correria.

- **Qual a rotina do Caras de Pau hoje?** A rotina, hoje, do Caras de Pau ela é intensa porque agora somos um Ponto de Cultura, somos reconhecidos pelo MEC. Para ter uma ideia, nós sempre trabalhamos dessa forma que trabalhamos hoje, há dois anos atrás a Universidade Federal do Rio Grande, FURG, abriu um edital para selecionar 19 Pontos de Cultura aqui na região; 37 entidades se inscreveram para se tornarem Ponto de Cultura. A nossa entidade também se inscreveu e nós ficamos em primeiro lugar dentro da classificação, porque nós, sem saber, já executávamos tudo o que um Ponto de Cultura executa, todos os pré-requisitos exigidos já eram exercidos por nós, o que faltava era ser reconhecido. Claro, hoje melhorou um pouco a estrutura, nós temos uma relação com o universo de outras entidades, o Geribanda, através da FURG, anualmente, semanalmente, fazem encontros com os Pontos de Cultura, onde nós acabamos divulgando um trabalho que estamos fazendo a nível de região sul aqui no Estado,. Também hoje nós temos a família Clown, um grupo de Clown que foi preparado pela Raquel, parceira nossa, várias atividades. Então a rotina do grupo hoje ela tá mais intensa, não paramos com os encontros. O Ponto de Cultura aqui é uma casa, tem oficinas, eles vêm para cá estudar, eles vêm para se encontrar, eles têm capoeira no final de semana, para a comunidade em geral. O grupo semanalmente tem oficinas oficiais que acontecem segunda, quarta e sexta das 18h30 às 20h30. Porém, estamos aqui segunda, terça, quarta, quinta e sexta. Aqui também, por um motivo e outros, estamos sempre nos reunindo e também tem algumas programações que a gente não deixa passar que é as festas juninas; todas as escolas e entidades que realizam chamam o grupo. Na sexta feira 13 sempre realizamos a Casa do Terror, algumas festas religiosas que acontecem no Município sempre convidam a gente para participar e estamos sempre indo. Em Rio Grande várias escolas públicas a nível Municipal e Estadual estão nos convidando também para fazer

apresentações. Nós temos vários temas e trabalhos preparados, prontos para levar para esse público; que hoje posso dizer que nosso público alvo é a escola, é trabalhar para que eles percebam que o jovem, a criança, o adolescente tem um potencial, pode mostrar e pode fazer a diferença.

- **Quais as dificuldades de manter um grupo com adolescentes numa cidade do interior do RS?** Às vezes fico me perguntando também, porque os conflitos são constantes, pois o adolescente é conflituoso. É muito gostoso trabalhar com adolescente, o desafio é exatamente extrair deles o potencial que eles têm. A gente vê que eles acham muito gostoso ir para o grupo fazer alguma coisa, mesmo que em dias saímos chorando, pois tinha dias que a oficina era pesada. Eu vejo hoje esse grupo, assim, com essa rotina de ter prazer, eles querem estar aqui, eles saem daqui perguntando sobre a próxima oficina. O desafio maior que eu tenho pela questão de trabalhar com jovem é a permanência deles, por que chega numa determinada idade, lá nos 17, 18 anos, os meninos vão servir o quartel, vão trabalhar; as meninas algumas já se tornam mãe, vão casar já, então fica difícil de ter um trabalho focado para uma idade maior, por que todo ano o grupo sempre se renova. Não sei se é dificuldade, é o tempo deles de estar aqui. Eu tenho integrantes que passaram 18 anos dentro do grupo, tenho integrante que está há 11 anos dentro do grupo, tem integrantes que estão 7, 6, 5 anos no grupo; também tem integrantes que ficam uma semana. Então é muito difícil, porque o jovem às vezes quer especulação, quer saber do amigo, da amiga, eles vêm, a gente deixa, pois é um espaço completamente aberto para eles. Toda relação que eles têm aqui com certeza, a gente sempre fala que aqui é uma grande família, os problemas que enfrentamos aqui são problemas de casa, nós conversamos muito, se tiver que chorar junto, choramos, se tiver que rir, brincar, também vamos fazer juntos, pois faz parte, porque é a idade deles. Eu não sei até que ponto isso é bom, se realmente estamos conseguindo chegar a algum lugar. A minha felicidade hoje, como fundador do grupo, é eu perceber que tem integrantes no grupo hoje filhos daqueles que fizeram parte do grupo de quando a gente começou. Tudo isso é uma resposta de um trabalho que a gente fez que, até sem saber o porquê, mas esta começando a ter um retorno, porque se aqueles pais estão depositando confiança e aquelas crianças estão voltando pra cá, é porque alguma coisa eles aprenderam aqui.
- **Quais as facilidades de manter um grupo com adolescentes numa cidade como SJN?** O ânimo deles, estão sempre prontos pra tudo. Às vezes venho meio para baixo, cansado, mas não, eles querem, eles te levantam, nada é impossível para eles, essa é a grande facilidade de trabalhar com os adolescentes, porque eles estão na idade do desafio. Talvez até não entendam o que querem dizer em relação à postura, em relação à dicção, a concentração, mas eles fazem é uma experiência inovadora para eles e eles acabam fazendo sem se dar por conta que estão fazendo aquilo que pedi. Também sempre falo pra eles “teatro é ao vivo”, “vamos nos preparar”, “não tem, como tv, cinema tem como cortar e fazer de novo”. Eu fico sempre contente em ver eles preparados sempre, até eu às vezes já pensei em cair fora, mas eles não deixam.
- **Como está sendo o trabalho do grupo agora como Ponto de Cultura?** Como já falei está sendo intenso, pra nós está sendo uma expectativa nova, estamos podendo ter um recurso financeiro que nunca tivemos, porque nós utilizávamos nossas próprias roupas para fazer nosso figurino, utiliza retalhos de panos, tinha que fazer rifa, as pinturas era cada um levava o que tinha e agora não, agora temos a possibilidade de ter alguma coisa diferente que outro grupo anterior não teve, então isso é um retorno que pra nós... é com mais facilidade de a gente poder pensar em fazer, hoje tem recurso pra isso, pois cultura é difícil e hoje a maior dificuldade nossa é o espaço, não temos um espaço nosso, pois essa casa é cedida. Nós agradecemos muito aos proprietário, Dione Santos e Senhor Valmir, da família irmãos Costa,

que nos aturaram aqui 6 anos, sem nenhum custo, a gente só manteve, pois se não estivéssemos aqui a casa já teria caído, e ainda bem que não caiu em nós até hoje. Até junho de 2013 podemos ficar aqui, então agora estamos nessa luta de ver um local, pois temos muito material, e como Ponto de Cultura nós adquirimos muita coisa nova, mas isso é mais um desafio, que para o grupo não é novidade. O Ponto de Cultura pra nós foi muito bom, principalmente pelo reconhecimento através do Ministério, nós tivemos a visita aqui no ano de 2011, em outubro, de três técnicos do Ministério da Cultura, que vieram de Brasília para vistoriar todos os Pontos de Cultura. O nosso Ponto foi o penúltimo que eles visitaram e uma das técnicas se emocionou com nossa história.

- **Quais as perspectivas do Caras de Pau para o futuro?** Pois é... a minha perspectiva é que a gente continue trabalhando, procurando atingir o máximo desses jovens, dessa gurizada, para que eles possam ter uma percepção diferente de vida. Como exemplo temos a Bruna Tarouco que fiquei sabendo que ela fez uma participação na nova novela das oito, "São Jorge", que ela tá no Rio de Janeiro e, toda vez que ela vem a São José do Norte, ela vem fazer oficina conosco, conversa com eles, sobre o que está acontecendo, ela é um exemplo e espero que muitos deles que talvez hoje não saibam nem o que estão fazendo aqui, possam seguir uma carreira, fazer uma faculdade de teatro, pessoas que começam a se identificar, porque trabalhar na cultura não é fácil, numa cidade pequena como a nossa ela não dá uma perspectiva de sustentabilidade, nós não temos espaço, porque nosso trabalho todo é voluntário, mas acredito que muitos saberão aproveitar, na vida profissional, na vida pessoal. E minha maior perspectiva é que nós venhamos a ter um espaço realmente conhecido para Cultura, que a gente possa ver São José do Norte com desenvolvimento melhor, que possa crescer em todas as áreas, que também a cultura seja vista, que ela seja valorizada, não só o teatro, mas todas as áreas vertentes nas culturas local e também culturas que virão. Quero que o Caras de Pau consiga se manter, desenvolver seu trabalho, contribuir de alguma forma, talvez não consiga te dizer hoje que forma seria essa, nós temos nosso regimento, nós temos nossos objetivos bem claros, mas às vezes isso no papel é uma coisa e na prática é outra, pois no papel tudo se resolve, mas na vida real nem sempre é resolvido, mas estamos vivendo, tem que ter perspectiva, é melhorar cada vez mais essa relação que temos com a juventude.

- **Como é o processo para participar do Caras de Pau?** Durante muito tempo a gente nunca fez processo de seleção, o pessoal se inscrevia, começavam a participar das oficinas e eu sempre entendo que dentro de um processo democrático, numa liberdade de escolha que o ser humano tem, que a gente pode optar por escolher, experimentar algumas coisas; depois, se vai permanecer ou não é uma questão pessoal. Então, o teatro foi aberto. Tinha anos em que 100 pessoas se inscreviam; eu ficava quase louco, fazendo oficinas com aquela multidão. Depois fui separando por idade, entre crianças e adolescentes, para ir afunilando e ver quem realmente ia permanecer no grupo. Desde 2004 nós estávamos no espaço cultural que era o galpão, começamos a fazer um teste de seleção: a pessoa se inscreve em março conforme nosso regimento, nesse teste a pessoa vem, recebe um texto de uma peça teatral, leva para casa e é marcado um dia para ela voltar e apresentar este texto para uma comissão do teatro; e quem são esses membros da comissão? Os próprios integrantes do grupo. A pessoa faz a apresentação do texto para os membros do grupo e eles avaliam a interpretação, espontaneidade, naturalidade e dicção. E o que chegamos a conclusão, hoje, que nenhum jovem é desclassificado, pois no momento que ele vem até a casa fazer o teste todos eles são aprovados, sempre fizemos com que todos consigam fazer parte do grupo, porque a seleção acontece quando eles se inscrevem e não comparecem para fazer o teste, porque aquele que compareceu e fez o teste porque realmente tem curiosidade para saber com funciona o grupo. Nós temos tido resultados bons, eles têm permanecido, têm ficado

durante bastante tempo, exatamente porque queria fazer. A seleção acontece uma vez ao ano, todo mês de março; na segunda quinzena de março abre as inscrições, do dia 15 ao dia 31 de março, e em inicio de abril tem o teste de seleção.

- **Se você pudesse abreviar toda a sua experiência com o grupo em uma palavra ou frase qual seria?** Vida, teatro para mim é vida. Tem dias que me revolto, tento parar, mas não adianta. Eu acho que eu não conseguiria ficar muito tempo sem ficar fazendo isso que eu faço, não sei se é pelo fato de estar no meio deles, de eu me sentir responsável com eles, de ver o que eu vejo no olhar de cada um deles. Nas oficinas, quando eles fazem alguma coisa que eles mesmo se surpreendem com o resultado deles, eles mostram a vida que eles têm. Então, para mim, teatro é vida. Não consigo me ver fora disso, nessa trajetória de 19 anos, não dá para citar nomes de pessoas, pois seria antipático citar alguns nomes e não citar outros. Tem pessoas que passam e deixam marcas inesquecíveis na vida da gente, meu agradecimento é incondicional a todos aqueles que até hoje, que conhecem nosso trabalho, que até hoje lembram de alguns momentos que passaram no grupo, das famílias que depositaram confiança deixando seus filhos entre nós durante o tempo que for, mas depositaram a certeza de que eles estavam fazendo alguma coisa benéfica pra eles. Na comunidade mesmo, eles não saber o que realmente... saber o que estamos fazendo, eles às vezes compararam outros grupos que vêm aqui com o nosso, e dizer que o Caras de Pau está melhor que isso, pra nós é bom por que eles acabam reconhecendo nosso trabalho. As escolas que são parceiros incansáveis, essa família irmãos Costas pelo apoio, pelo abrigo que nos deram durante 6 anos. São pessoas que não tem como deixar passar e o agradecimento maior seria Deus por nós poder estar aqui, por nós estarmos trabalhando e pedindo proteção sempre por tudo aquilo que a gente faz. Hoje temos pessoas que convivem entre nós, pessoas que já estão distantes, como o nome que citei da Bruna, mas que convivem conosco de uma maneira ou outra. Tu que estás aí fazendo seu trabalho de conclusão de curso, tá voltando e reconhecendo o nosso trabalho que tu faz parte, pois sempre dizemos que uma vez Caras de Pau, sempre será. Então fica o convite para aqueles que não conhecem e querem saber, visitem-nos, hoje nós estamos em casa, mas seja na rua, na praça, onde tivermos, só nos visitar, só para saber como é trabalhar com essa gurizada, por que realmente a perspectiva de vida que nós temos aqui é a possibilidade de trabalhar o teatro como alternativa, não só na questão de relação, mas uma alternativa de vida para todos nós. É bom lembrar também que nessa trajetória do grupo a partir de 2006 quando viemos para essa casa aqui, nós começamos a desenvolver projetos sociais.

Anexo 3 - Entrevista com a integrante Emanuely de 11 anos e faz três anos que participa do Grupo Caras de Pau.

Entrevista realizada no dia 05 de Novembro de 2012.

- **Como ficou sabendo do grupo?** Minha mãe chegou em casa me comentando que tinha aberto as vagas, e ela me perguntou se eu não gostaria de participar, por que sempre fui muito imperativa, brincava muito, fazia imitações, e então eu achei bacana, achei que seria uma experiência legal.
- **Como ingressou no grupo?** Vim ate aqui na casa, me escrevi eles me deram um texto para decorar, ai tinha um dia para o teste que tinha um grupo de jurados, eram três pessoas que ficavam analisando, tinha cenário, tinha outros integrantes do grupo que participava junto com agente na minha época foi assim, mas agora já mudou um pouquinho
- **O que mais o interessa no grupo?** Criar mais amizades por que eu sempre vivia mais em casa e depois que eu comecei a participar eu ganhei muitos amigos, eu era tímida e agora já não sou tímida como eu era antes.
- **O que você gosta de fazer no grupo?** Eu gosto das apresentações, o que eu mais gosto mesmo é de fazer as apresentações, eu acho interessante ir em outros lugares apresentar, conhecer pessoas novas. Também sempre quando posso venho aqui na casa, gosto bastante de vim pra ca, é que ajudo minha mãe na floricultura dela e quando posso venho pra casa.
- **Como as pessoas da sua família vê o grupo?** Eles veem como se aqui fosse uma segunda família minha, por que agente tenta sempre se manter todo mundo junto, o pessoal de casa, os pais, irmão, primos, tio, sempre teve os convites para os familiares virem ate aqui a casa, interagir com todos, nunca foi só aqui, só o grupo sempre teve o apoio da família.
Eu não sei com que palavras falar mas eu sei que tudo que faço aqui eu gosto muito, as oficinas, apresentações, tudo.

Anexo 4 - Entrevista com Naylcker Conceição Lopes, 16 anos esta fazendo 1 ano que participa do Grupo.

Entrevista realizada no dia 05 de Novembro de 2012.

- **Como ficou sabendo do grupo?** Através do meu irmão Jerber, ela era do grupo teatral, mas ainda é, esta sempre nas brincadeiras, oficinas.
- **Como ingressou no grupo?** Fui na casa disse que estava interessado, disse que queria aprender mais do que já sabia, e é sempre bom ter mais amigos também
- **O que mais o interessa no grupo?** Das peças, dos ensaios, das diversões, gosto da convivência com os colegas também, é quase uma família né
- **O que você gosta de fazer no grupo?** Comedia, há eu gosto de vim aqui na casa, que agora vão vender o imóvel ai eu to aqui dando mais valor a casa, pois agente vai perder.
- **Como as pessoas da sua família vê o grupo?** Há eles acham bem legal, é que é uma chance de muitas pessoas não entrarem nas drogas, de sair das ruas, tem bastante conhecimento, o Binho esta sempre encima do cara sempre ajudando.
- Naylcker falando mais um pouco dele no grupo:
Há eu gosto de vim aqui na casa, para ler um pouco tem bastante livros, mais de vinte livros, e como o Binho diz lendo agente aprende bastante, eu tenho vindo quase todos os dias aqui na casa para fazer alguma coisa.

Anexo 5 - Entrevista com Fabricio Santos Lemos, ex integrante do grupo, tem 27 anos e participou do Grupo durante 18 anos.

Entrevista realizada no dia 07 de Novembro de 2012.

- **Qual o período que você ficou no grupo?** Desde a fundação do Grupo em 1993 até ano retrasado em 2010, praticamente fiquei 18 anos no grupo.
- **O que você lembra daquele momento?** Foi um momento de grande aprendizado, me deram bastante oportunidade, conhecimentos, nunca fui uma pessoa tímida sempre fui extrovertido, então o grupo me ajudou a crescer profissionalmente acredito, pois hoje eu tenho um bom emprego, a partir do Grupo tive oportunidade de participar do THOLL foi um período pequeno, por não ser aqui na minha cidade, tinha me deslocar e ficou um custo alto, mas foi um aprendizado que graças a deus eu consegui ter, e graças ai Grupo Caras de Pau, foi 6 meses que fiquei no THOLL de grande aproveitamento entre tantas outras coisas que aprendi no Grupo. Fizemos varias vezes oficinas nas ruas, aqui mesmo na rua General Osorio (Rua Direita) já fizemos varias oficinas, mesmo pela falta de espaço nunca deixamos de exercer a função que era fazer Teatro, por mais amador que fosse, mas agente levava a serio, gostávamos de representar, de atuar em nossa Cidade e até mesmo fora dela, pois varias vezes o Grupo já foi para outras Cidades. Pelo nome já diz Caras de Pau nunca se importamos, era na rua, era na beira da calçada, era no Cais, na prainha, em espaços alugados, trabalhos feitos por nós para levantar fundos, depois durante um tempo ai sim que começamos a ter ajuda dos Conselhos Municipais aqui da Cidade, mas até então era com amor a camiseta que conseguíamos fazer as atividades. Graças a deus hoje eu pude participar da formação e de todo o processo que teve para hoje o Grupo ser um Ponto de Cultura, hoje eles tem um espaço, não é deles, mas podemos dizer que é, mas Graças a Deus com mérito de todo trabalho de 19 anos que o Grupo tem, tem esse Ponto que é referencial em toda Região Sul, ligado a FURG. É um trabalho que se deu graças ao esforço dos integrantes, os que participaram, os atuais e também ao nosso Diretor e também independente não estou mais no Grupo, mas me considero ainda no Grupo
- **O que mais marcou sua trajetória no grupo?** Foi o conhecimento dentro da área do Teatro, hoje mesmo sou uma pessoa bem desinibida eu acredito que graças ao Grupo, as amizades, dentro da nossa sociedade hoje em dia aqui em São José do Norte dos conceitos municipais que é o CONDEDICA, Conselho Municipal da Criança e do Adolescente, Conselho Municipal da Assistência Social, eu pude participar de varias reuniões, acredito que isso para meu profissional foi bastante valido. Exerci também dentro do Grupo como Presidente durante dois anos, participando de varias reuniões, tomando decisões, isso foi um marco dentro do grupo pra mim muito importante.
- **O que o grupo significa pra você hoje?** Acredito que é uma grande família, o grupo sempre teve seu trabalho praticamente por amor a camiseta, então acho que se resume na palavra Família, onde temos o amor, o afeto, o carinho, ali dentro todo mundo se conhece, todo

mundo se entende, todo mundo briga, todo mundo chora, então é isso a palavra que resumi o Grupo pra mim é Família.

- **Porque você saiu do grupo?** Infelizmente chega um determinado certo ponto na vida que temos que tomar um rumo, não que o Grupo não seja um meio financeiramente de ganhar dinheiro, mas foi por causa da parte financeira que eu tive que buscar, novas oportunidades, mas com certeza o Grupo me ajudou muito a ganhar conhecimentos para poder hoje estar no mercado de trabalho, trabalhando e podendo me sustentar, se não fosse isso com certeza estaria ali ate hoje, participando e atuando juntamente com eles. Quem não conhece o Grupo Caras de Pau que conheça toda história toda trajetória, pois vale a pena agente ri, chora, brinca. E se deus quiser o Grupo trará muito alegria para o município.

Anexo 6 - Entrevista com Fernanda Silva, ex integrante do grupo.

Entrevista realizada dia 06 de Novembro de 2012.

- **Qual o período que você ficou no grupo?** Eu fiquei no grupo aproximadamente 3 anos.
- **O que você lembra daquele momento?** Aquele momento era mágico, tudo podia ser feito, nada era feio ou sem graça..ali em cima do palco tudo era certo, vergonha era uma palavra que só tinha valor nas primeiras vezes ou nos primeiros minutos de silêncio.
- **O que mais marcou sua trajetória no grupo?** As risadas dadas, a vergonha perdida, a língua presa, os momentos de reflexão, as aulas de interpretação, as peças realizadas, o olhar do público, e o mais importante as amizades feitas que ainda existem
- **O que o grupo significa pra você hoje?** Significa um tempo feliz que guardo com extremo carinho, significa a minha facilidade que tenho de me comunicar.
- **Porque você saiu do grupo?** Porque fiquei sem tempo pra as aulas, comecei a estudar e a trabalhar e depois fui embora a cidade.

Anexo 7 - Entrevista com Juliana Capa Verde 23 anos, ex integrante do grupo. Ficou durante 8 anos no Grupo

Entrevista realizada dia 07 de Novembro de 2012.

Olá, meu nome é Juliana participei do Grupo Teatral Caras de Pau mais ou menos a 8 a 10 anos.

- **Qual o período que você ficou no grupo?** Há mais ou menos de 1999 em diante, exatamente não sei o certo.
- **O que você lembra daquele momento?** Nossa, muitos amigos, muitas festas, muitas viagens, muitas curtições, vários amigos que ate hoje sinto falta, os amigos que ainda ate hoje temos contato, não é a mesma coisa, mas sempre fica lembranças daquele momento.
- **O que mais marcou sua trajetória no grupo?** Todos momentos que participei, tanta coisa legal, os bons os ruins, mas o momento que mais marcou mesmo foi as amizades que ate hoje temos um vinculo, temos uma convivência mais distante mas não deixamos de nos falar, o bom é que não largamos a amizade de lado. Na minha época eu peguei quando o grupo fazia na Danceteria Lads, peguei um pouco da época da rua, na frente da Escola São José onde era uma garagem grande, tinha palco e tudo, esses foram os lugares que eu passei, foram os que passei mais tempo. Hoje eu não tenho aquele pensamento que eu tinha naquela época, naquela época eu era criança, minha fase então que em qualquer lugar era ótimo, desse que fizéssemos uma oficina, desde que agente se encontrasse durante a semana e outros dias, mas eram momentos inesquecíveis, tinha que fazer na rua, vamos fazer na rua, não importava o lugar
- **O que o grupo significa pra você hoje?** Nossa, eu sinto muito falta eu vejo os que estão agora, fico pensando, as apresentações, o pessoal na rua, eu acho que (choro)... É muito bom, mas tem um tempo que agente segue rumos, casamos constituímos família, alguns momentos tem que se afastar, mas ao mesmo tempo se eu pudesse estar aqui, sempre que posso estou sempre com eles, apoiando, participando de uma forma meio distante, mas eu ainda me sinto uma Cara de Pau.

- **Porque você saiu do grupo?** É como já falei, mais por ter que seguir outros rumos, casei, trabalhando, estudando, tanto que meu marido eu conheci através do Teatro, ele é professor de Capoeira no espaço do grupo, ele era sempre vinculado ao grupo, então fomos nos conhecendo e acabou em casamento.

Sinto muita saudade, e desejo que o grupo continue crescendo cada vez mais, desejo toda sorte pra eles e que eu possa de vez enquanto fazer algumas participações com eles.

Anexo 8 - Entrevista com Jerber Luiz da Conceição Lopes 27 anos natural de São José do Norte. Participou do grupo durante 10 anos e até hoje, quando pode participa das atividades com o grupo.

Entrevista realizada dia 09 de Novembro de 2012.

- **Qual o período que você ficou no grupo?** Fiquei no período de 1994 diretamente até 2004, até que precise me ausentar fui servir a pátria, entrei para Marinha do Brasil. Logo após que retornei, voltei novamente para o grupo, fazendo oficinas não tão diretamente, mas sempre gostei muito de participar então retornei as oficinas.
- **O que você lembra daquele momento? Qual dos momentos?** Foram diversos momentos, tem momentos de dificuldades, momentos de alegria, momentos de tristeza, então vamos começar pelo princípio. Em 1994 nossas oficinas eram realizadas na garagem do nosso fundador Paulo Rubilar “Binho” um cara nota 10, contribuiu muito para minha vida. E dai muitas vezes nós fazíamos oficinas na praça, na frente da igreja, até mesmo na natureza, na praia, nos combros de areia, tudo que vocês imaginarem nós já fizemos oficinas por falta de espaço para fazer. Momento de alegria foi quando em seguida conseguimos um espaço no centro da Cidade, o governo pagando, que isso! Não durou muito, durou poucos meses, novamente voltamos para o momento de dificuldade lá na garagem “Oh garagem boa”, sei que lá fizemos tantas amizades, tanta alegria rolou, um dos melhores momentos do grupo com certeza em todo esse tempo que eu tive diretamente, que foram 10 anos, sem contar outro tempo que tive afastado, fizemos bastante amizades, construiu famílias e até hoje o pessoal que se encontramos na rua nos lembramos daquele momento do grupo, era difícil, mas era um momento de muita união o grupo se ajudava. Tem mais um momento em que viramos um Ponto de Cultura, que a princípio começou na Rua Ramiro Barcelos, tinha um espaço bem amplo, com palco tudo direitinho, conseguimos desenvolver vários trabalhos que até um ficou muito marcado que foi “A Sátira da Casa das Sete Mulheres” o povo nortense gostou bastante, teve outros trabalhos legais que fizemos lá também.
- **O que mais marcou sua trajetória no grupo?** Foi o ensinamento que ali conseguir tirar para minha vida, que não precisa eu chutar o balde de ninguém para me dar bem é só me abraçar com os demais e cada um ajudar o outro que agente consegue tudo na vida, foi um dos maiores ensinamento que tive, eu aprendi isso no grupo, agente tem que se ajudar para conseguir as coisas não tem que fazer mal para outra pessoa para conseguir
- **O que o grupo significa pra você hoje?** Particularmente o grupo pra mim é uma família, que é como constituída com minha mãe, meu pai e mais três irmãos, minha irmão Viviane, minha irmã Catiane e meu irmão Naylker, entre outros esses são diretamente, então o grupo pra mim é uma segunda família paizão Binho, outros irmão que não posso citar aqui, porque se não a entrevista vai durar o dia todo, mas especial assim é uma família que abracei e ate

hoje, agora afastado devido minhas atividades, mas sempre que posso estou sempre participando com eles de oficina, de viagens, de brincadeiras, de apresentações, sempre que posso eu estou presente, então o grupo representa muito pra mim, é minha segunda família.

- **Porque você saiu do grupo?** Sai, sai não, pois até hoje como falei antes eu participo das atividades, mas tive que me afastar devido minhas atividades, tinha que conseguir uma formação, enfim consegui, tinha que ir em busca de novos objetivos para minha vida, o grupo é bom, é, mas eu tenho que buscar outras coisas, então foi por isso que me afastei. O grupo em si, sempre foi o grupo Caras de Pau que é muito conhecido com certeza, não só em São José do Norte, mas também em outras regiões que nós apresentamos, ficou marcado pelos trabalhos sempre foi conhecido. Para mim hoje antigamente eu não via, por que eu era uma dessas crianças, é um grande grupo por que ajuda as crianças que poderiam estar nas ruas, poderiam estar envolvidas com drogas, entre outras. Mas no grupo nos ocupa o tempo, tem as oficinas, tem brincadeiras, agente procura ver a realidade, mas transportar ela para um outro lado a modo que não possa afetar nossa vida no futuro, isso foi um dos ensinamentos que aprendi muito, agente fazia apresentações vendo a realidade para que isso não possa acontecer com nós.

- **Jerber conta como entrou no grupo:**

Eu entrei no grupo como uma brincadeira, eu nem gostava de Teatro vivia jogando futebol, vivia me machucando, então um dia estava jogando futebol, minha falou pra mim: Jerber ou tu vai para o Teatro com tuas irmãs, que eram a Viviane e a Catiane, ou tu vai para casa limpar o quintal, ai o que eu fiz?! Ir para casa limpar o quintal não da, então vou para o Teatro, lá pelo menos faço o que eu quero. Cheguei primeiro dia no grupo, tivemos oficina de Expressão Corporal, naquela época eu era meio imperativo, até hoje eu sou. Depois o Binho dividiu o grupo que na época era 15 pessoas sete para família estruturada e 8 para família destruturada, uma família era bem estruturada tinha tudo que precisava para se sustentar, os filhos viviam bem e outra a família destruturada o pai bebia, o filho endiabrado, a mãe usava droga, então o Binho me colocou na família destruturada me colocou para fazer o papel da crianças imperativa, bah para mim isso era fichinha, fiz brincando ele me elogiou, a partir dai eu vi que poderia construir uma nova realidade, em vez de eu estar jogando futebol me machucando, poderia fazer parte de uma coisa que poderia fazer influencia na minha vida, até pouco tempo sempre pensei em seguir uma carreira, mas por desvios da vida, eu desisti. Mas é uma coisa que eu gosto muito, então isso dai o grupo me ajudou muito.

O grupo para mim e pra minha familia também é como um processo físico de condução, foi conduzido de geração em geração. Primeiro no grupo entrou minha irmã mais velha, depois entrou minha outra irmã, entrou eu e hoje esta meu irmão e grande parte dos meus sobrinhos todos eles participam do grupo. Então eu acho que no meu ponto de vista o grupo contribuiu muito para minha família, para minha criação, por que nos trouxe base de como ser uma família unida, foi isso que também aprendi, então levei isso para dentro de casa, sempre tratando meus irmãos, meus pais, com muita alegria e muito carinho.

Anexo 9 - Entrevista com Taisa ex integrante do Grupo, hoje com 29 anos.

Entrevista realizada dia 10 de Novembro de 2012.

- **Qual o período que você ficou no grupo?** Eu fui integrante quando o Grupo tinha 2 anos de fundação fiquei de 1995 a 1997. Eu participei durante esse período e hoje meu filho faz parte do Grupo, ele tem 7 anos.
- **O que você lembra daquele momento?** Eu adorava por que minhas amigas também estavam na época agente gostava da funções de se encontrar para ensaiar alguma peça e entrei mais pelo fato da minha timidez, eu era muito tímida e me ajudou bastante em relação a isso
- **O que mais marcou sua trajetória no grupo?** Com certeza foram as amizades e o vínculo que fica por que agente não esquece depois que participa do grupo não esquece mais, pode ser por pouco tempo, mas com certeza fica boas recordações
- **O que o grupo significa pra você hoje?** Há é uma continuidade, por que como já falei, eu fiz parte, hoje meu filho participa, daqui alguns anos a Yasmim (menina de meses que estava no colo) vai depender da vontade dela também. E enquanto eu pude ajudar de alguma forma como colaboradora eu sempre tive presente, depois me afastei devido a faculdade, mas sempre que posso estou na volta, sabendo o que ta acontecendo também através do meu filho que participa hoje
- **Porque você saiu do grupo?** Por que eu fiquei grávida do meu menino que participa do grupo hoje, eu tive ele com 14 anos eu era muito novinha por isso me afastei do Teatro. Eu acho o Grupo de extrema importância para o Município por que não tem outra alternativa de lazer, de cultura então todas pessoas que conheço, eu indico e falo como é o grupo, e ajuda não somente na função de um se relacionar com outro, mas também como alternativa para não ficarem na rua, então aproveita o tempo de forma útil.

